



46

REVISTA
PORTUGUESA
DE
HISTÓRIA

COIMBRA 2015

Nota de Apresentação

IRENE VAQUINHAS

FLUC / Centro de História da Sociedade e da Cultura

Email: irenemcv@fl.uc.pt

Publica-se mais um número da *Revista Portuguesa de História* relativo ao ano de 2015. Revista de grande longevidade, tem acompanhado a evolução das estratégias editoriais e a renovação das problemáticas científicas, dando continuidade às linhas programáticas há muito definidas: divulgar trabalhos originais de investigadores nacionais e estrangeiros; promover estudos comparativos, transversais e interdisciplinares; proporcionar um fórum de discussão da produção historiográfica e debater novos (e velhos mas perspectivados de forma diferente) territórios do historiador, decorrentes do alargamento do campo epistemológico da ciência histórica.

No presente número um novo desafio se coloca. No ano em que se completam seiscentos anos sobre a tomada de Ceuta (1415), momento fundacional da expansão ultramarina, a evocação dessa efeméride memorativa serve de ensejo para se analisar o legado português e a sua influência à escala internacional, metropolitana e colonial, assim se dedicando o tomo 46 da *Revista Portuguesa de História* à *Presença de Portugal no mundo*.

Embora se trate de um tema clássico, que ocupa um lugar central na historiografia portuguesa, a sua escolha constitui um incentivo à análise das distintas facetas da dinâmica internacional do colonialismo português (políticas, estratégicas, económicas, culturais, humanas...), bem como a uma reflexão crítica sobre as formas de cooperação entre universos tradicionalmente situados em posições dicotómicas e de confronto. Interrogar a forma como o colonialismo se exerceu ao longo do tempo e se formalizou o diálogo entre culturas ajuda a compreender (e a rever) uma história comum que não se conjuga apenas no passado. Essa aproximação privilegia a perspectiva comparativa, dando-se guarida, neste volume, a estudos que, para além de Portugal, incidem também em outros espaços geográficos (Brasil, Cabo Verde, Espanha, Índia) e em diferentes contextos socioculturais.

Sendo um delineamento temático de carácter interdisciplinar, transnacional e que atravessa várias épocas cronológicas, prolongando-se do alto medievo ao tempo recente, foram recebidas propostas de textos de investigadores de diferentes nacionalidades para além da portuguesa (brasileira, espanhola

e francesa), e de várias áreas disciplinares das ciências sociais e humanas (história, antropologia, estudos literários, direito) – colaborações externas que enriquecem a revista e são indispensáveis na dinâmica atual da mundialização. Como revista universitária que é, com forte cunho formativo, merece especial referência a colaboração de jovens doutorandos ou de recém doutorados, na sua maioria de universidades portuguesas e brasileiras, o que valoriza o salutar diálogo intergeracional e configura a revista como um espaço de partilha científica.

O elevado número de artigos selecionados obrigou a subdividir o *Dossier temático* em duas secções intituladas *Afirmação e percursos iniciais* e *Marcas da presença portuguesa no império*, respetivamente com cinco e doze artigos cada. Dentro do corpo da revista, é ainda disponibilizado um espaço ao labor de outros investigadores, cujos estudos não se enquadram no núcleo temático e que, sob a designação de *Varia*, agrupa sete textos. Completam o volume quatro recensões críticas.

Sob uma sequência de ordem essencialmente cronológica, o Dossier inicia-se com um texto de Guillaume Linte que nos convida a visitar temas clássicos dos cronistas portugueses, mais precisamente a *Crónica da Guiné* de Gomes Eanes de Zurara. João Marinho dos Santos traz novas evidências documentais sobre a conquista da praça de Ceuta. Armênia Maria de Souza debruça-se sobre a fundamentação jurídica do processo de doação das ilhas Canárias a D. Luis de Espanha enquanto Susani França interroga os princípios ético-morais subjacentes à *leitura* de “terras e gentes distantes” nos inícios da expansão, aclarando a visão do passado atlântico. Este primeiro núcleo temático encerra com um estudo de Duarte Babo Marinho sobre a acção diplomática de Pedro Gonçalves Malafaia (início do século XV) no difícil contexto de conflitos que opunham as diversas casas ibéricas reinantes.

A iniciar a secção *Marcas da presença portuguesa no império*, Isabel Monteiro debruça-se sobre a difusão de modelos artísticos e culturais de matriz europeia, nos vários territórios do império português de quinhentos, tomando como cerne da pesquisa a circulação de instrumentos e de práticas musicais. Ainda no âmbito da recepção internacional de saberes, tema caro à nova história cultural, Aline da Silva Medeiros analisa a produção e a difusão de edições portuguesas do *Lunário Perpétuo* de Jerónimo Cortez nos sertões brasileiros nos séculos XVIII e XIX. A partir de uma leitura intertextual das exéquias fúnebres de D. Luís de Meneses, na cidade de Goa, no século XVIII, Filipa Marisa Gonçalves Medeiros Araújo demonstra como a linguagem logocónica foi colocada ao serviço da religião e da política, servindo os interesses do poder imperial português. A presença portuguesa em Goa é também o tema

escolhido por Luís Pedroso de Lima Cabral de Oliveira que escarpeliza as vicissitudes que conduziram à nomeação de dois físicos da Universidade de Coimbra, no século XVIII, para aquela longínqua cidade asiática. Christian Fausto Moraes dos Santos e Monique Palma analisam a importância da aguardente na prática médica e cirúrgica setecentista. A escravatura constitui a problemática central de dois artigos, um da autoria de Jean Marcel Carvalho França e de Ricardo Alexandre Ferreira, e um outro de Margarida Seixas. No primeiro caso são evocadas as propostas abolicionistas, no século XVIII, do Padre Manuel Ribeiro da Rocha, e, no segundo, abordam-se as premissas legais da substituição do trabalho escravo pelo trabalho forçado no território colonial português de oitocentos. Os artigos de Hugo Silveira Pereira e de Luís Miguel Pereira Farinha estruturam-se em torno da implementação da política de obras públicas nos domínios ultramarinos: o primeiro centra-se na construção do caminho de ferro de Mormugão (Goa), na segunda metade do século XIX, e o segundo, no planeamento rodoviário de Cabo Verde, na fase final do Estado Novo. O estudo das construções identitárias, memorialistas e representacionais do país ou do império agrega dois artigos: o de Carla Alferes Pinto sobre o contributo das grandes exposições internacionais oitocentistas para a criação e consolidação da ideia de Império português e o de Vítor Barros sobre a prática comemorativa em torno da I Grande Guerra em Angola e em Moçambique. Esta secção inclui ainda um artigo sobre as relações luso-brasileiras nas décadas de 1930 e de 1940, captadas a partir das revistas *Atlântico* e *Brasília*, matéria desenvolvida por Marcello Felisberto Morais de Assunção.

Na rubrica *Varia* contemplam-se vários trabalhos que abordam temáticas tão diversas como as fórmulas de datação de diplomas dos condes portugueses e de D. Afonso Henriques (de Nicolás Ávila Seoane), a banca regional madeirense (de Duarte Manuel Freitas), a problemática da secularização do casamento no Brasil (de Ivo Pereira da Silva), as práticas suberícolas em Portugal e Espanha da segunda metade do século XIX à I Grande Guerra (de Carlos Manuel Faisca), a assistência aos tuberculosos e a fundação do Sanatório das Penhas da Saúde, na Serra da Estrela (de Luís Manuel Neves Costa e Cristina Luísa Tavares Nogueira), o imaginário construído em torno da cidade Coimbra, captado a partir dos confrontos entre coimbrismo e anticoimbrismo (de Nuno Rosmaninho) e a adequação das Metas Curriculares de História para o 2º e 3º ciclos de estudos do ensino básico português (de João Paulo Avelãs Nunes).

Resta-nos agradecer a todos os autores (de artigos e de recensões críticas) que disponibilizaram os resultados das suas investigações, bem como aos avaliadores o seu empenho e valioso contributo pelas leituras críticas e atentas

que possibilitaram o enriquecimento dos textos finais. Todos tornaram possível o número 46 da *Revista Portuguesa de História* com a feição com que se apresenta e que agora é colocado à consideração dos leitores.